

1. Introdução

O trabalho que será apresentado a seguir parte de estudos e reflexões sobre a cidade de Franco da Rocha, inserida na Região Metropolitana de São Paulo, identificando suas peculiaridades, dificuldades e potencialidades, juntamente a um embasamento teórico, até chegar a uma proposta de projeto que estabeleça conectividade entre as questões abordadas.

Franco da Rocha é uma cidade que se desenvolveu a partir da Estrada de Ferro Santos - Jundiaí, criada pela Companhia São Paulo Railway, que se intensificou com a criação do *Asilo Colônia da Sucursal do Juquery do Hospício de Alienados de São Paulo*, idealizado pelo Dr. Francisco Franco da Rocha e projetado pelo arquiteto Ramos de Azevedo. Um patrimônio tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT).

Seu desenvolvimento é polarizado pela cidade de São Paulo, pois a ferrovia permite morar em um local de fácil acesso à

capital a preços muito mais baixos, sendo denominada cidade-dormitório (MEYER, 2004).

É uma cidade marcada pela exclusão social e violência, espaços urbanos fragmentados, precariedade em relação aos equipamentos públicos e inundações periódicas.

Através do projeto, pretende-se criar um equipamento de qualidade para a promover as práticas culturais, de esportes e lazer, bem como o convívio entre diferentes pessoas, inserido em um parque ao longo do Rio Juqueri, intensamente relacionado à malha urbana. Para tanto, possui como extensão uma diretriz para a criação de um parque linear, ao longo do rio Ribeirão Euzébio, que promoverá novas conexões entre os dois lados da área central, dividida pela linha do trem.

Outra diretriz refere-se à importância de se estabelecer uma relação do projeto com o Complexo Hospitalar do Juquery, ícone que pertence à história e memória da cidade, considerando a instalação de um campus universitário nos

prédios hoje abandonados, trazendo vitalidade novamente a esse espaço.

Dessa forma, procura-se especular possibilidades de intervenção na cidade que proporcionem requalificação do ambiente urbano e espaços de interação social.

2. A cidade

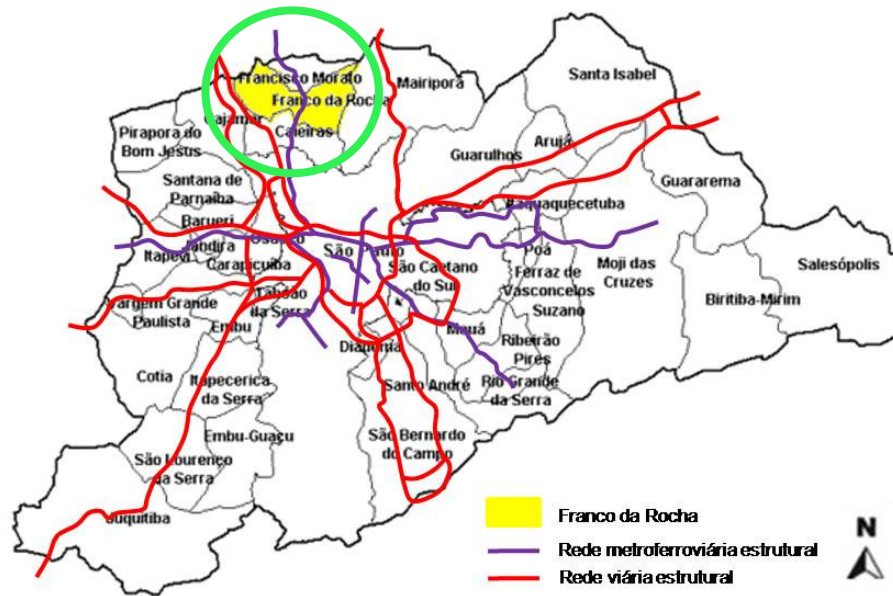


Figura 1. Região Metropolitana de São Paulo

Fonte: [http://www.juventude.sp.gov.br/](http://www.juventude.sp.gov.br;);

http://www.usp.br/fau/disciplinas/tfg/tfg_online/tr/062/a047.html

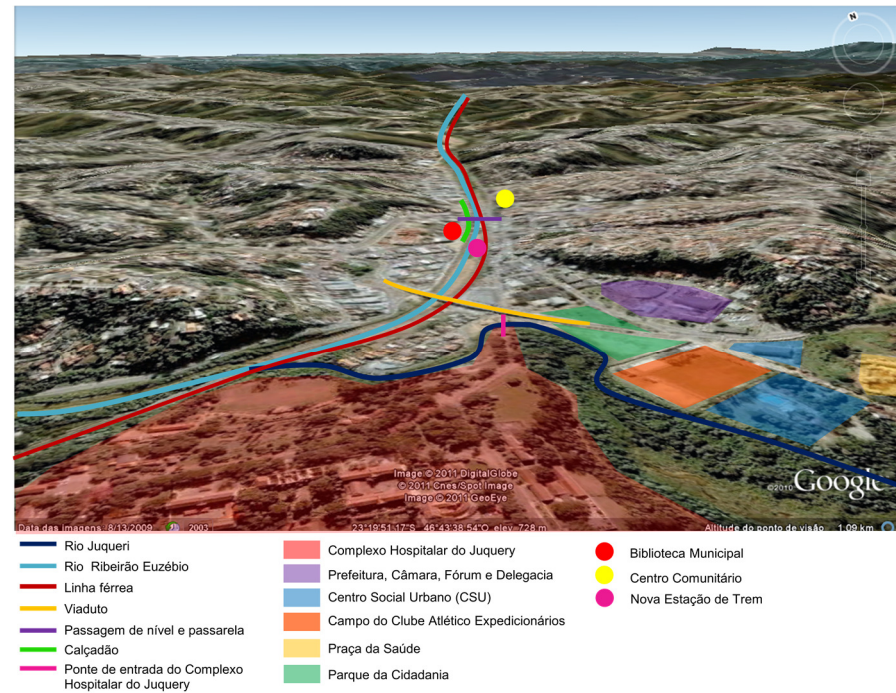


Figura 2. Franco da Rocha e seu território.
Base: Google Earth.

Franco da Rocha encontra-se a noroeste da capital São Paulo e seu desenvolvimento se deu a partir da criação, através da Companhia São Paulo Railway, da Estrada de Ferro Santos – Jundiaí, que cortava a cidade, e inauguração da estação Franco da Rocha – Juqueri em 1888. Posteriormente, entre 1895 e 1898, deu-se início à construção do *Asilo Colônia da Sucursal do Juquery do Hospício de Alienados de São Paulo*, idealizado pelo Dr. Francisco Franco da Rocha e projetado por Ramos de Azevedo, conjunto que hoje é patrimônio tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT). Foi elevado a distrito do município de Mairiporã em 1934 e em 30 de novembro de 1944, Franco da Rocha tornou-se município autônomo.¹

Possui uma população de aproximadamente 130 mil habitantes e densidade de 982,62 hab./km², 8,3% não alfabetizados entre a população com 15 anos ou mais (IBGE/2010), enquanto o Estado de São Paulo possui taxa de

5,6% (SEADE), Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) de 0,778, ocupando a posição de 332 no ranking, enquanto o Estado apresentou IDH de 0,814 (PNUD/2000). PIB de R\$ 1.683.857,00 (IBGE/2008), uma alta incidência da pobreza que corresponde à 53,46% da população (IBGE/2003) e considerado o município mais violento do Estado de SP, segundo a Folha². Além disso, possui unidades da Penitenciária e Fundação Casa na cidade.

O número de postos de trabalho é inferior ao número de pessoas residentes, de acordo com Langenbuch (1971), pois a cidade tem seu desenvolvimento polarizado pela capital São Paulo. Nas décadas de 1970 e 1980 houve um crescimento desordenado de uma população de baixa renda, graças à ferrovia, que possibilitava morar em um local de fácil acesso à São Paulo com oferta de lotes baratos, sendo um fenômeno que acontece ainda nos dias atuais. Por causa dessa

¹ <http://www.francodarocha.sp.gov.br>

² <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/869266-franco-da-rocha-e-o-municipio-mais-violento-do-estado-de-sp.shtml>

dinâmica de ocupação, denomina-se cidade-dormitório (MEYER, 2004).

É uma cidade caracterizada por uma precariedade no que diz respeito à infraestrutura e equipamentos públicos que atendam à população e à qualidade do espaço urbano, uma relação presente em muitos dos municípios pertencentes à Região Metropolitana de São Paulo. Milton Santos (2007), em seu livro "O Espaço do Cidadão", discorre sobre os problemas e consequências para os indivíduos que vivem em cidades com essas características. Primeiramente, ele considera que para a plena realização do homem não basta apenas a solução econômica, mas um resultado de um quadro de vida que leva em consideração o material e o não material, incluindo também a importância cultural, além da econômica, ambos relacionados com o território, sendo este um dado ativo e não apenas uma reflexão da sociedade. A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo e através da qual tem-se consciência de pertencer a um grupo, é indissociável do território, do lugar. Dessa forma, lugares onde se tem uma escassez de equipamentos, bens e

serviços, comum às periferias, geram cidadãos incompletos, diminuídos.

2.1. Espaço Urbano e Conexões

Algumas características da região fazem com que a cidade seja fragmentada, com dificuldade de estabelecer conexões. Um dos aspectos que contribui para isso é a própria topografia "acidentada da região (mar de morros)" (PIZZOLATO, 2008: 35). Além disso, a linha de trem, juntamente com o Rio Ribeirão Euzébio dividem a área central da cidade em duas porções e, para se passar de um lado para o outro existem poucas opções. Ao se tratar a cidade sob a perspectiva do pedestre, como propõe Gordon Cullen (2004), percebe-se uma ineficiência em relação à mobilidade, uma vez que o pedestre deve andar longas distâncias para se cruzar de um ponto da cidade a outro (pode-se incluir nessa questão, ainda, os ciclistas) e a falta de qualidade da paisagem urbana que, segundo Cullen, deve ser emocionante ao surpreender o transeunte, ambos gerados a partir de um espaço urbano com esses aspectos.

Esse traçado pode ser, ainda, responsável por uma monotonia das ruas, que gera, conseqüentemente, insegurança, como descreve Jane Jacobs (2001), pois o que garante a

segurança em uma cidade é, principalmente, o movimento constante de pessoas, onde há sempre olhos atentos. Para se conseguir isso, deve-se ter uma diversidade de usos, pois, dessa forma, pessoas com interesses e necessidades distintas estarão circulando pelas ruas durante todo o dia. E, para se ter uma diversidade de usos, precisa-se ter quadras curtas, que ampliam as possibilidades de caminhos do pedestre e a prosperidade de comércios que se localizem nesses caminhos.

Na Figura 3 (p. 7), pode-se perceber a topografia citada, formando um vale na região dos rios e linha férrea. Nas Figuras 4 e 5 (p. 7), pode-se ver duas das poucas conexões entre os dois lados: o viaduto (utilizado predominantemente por veículos) e a passarela para pedestres sobre a linha férrea, junto à estação de trem.



Figura 3. Cidade dividida pela linha férrea.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 4. Passeio público sobre o viaduto.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 5. Passarela sobre o trem.
Fonte: Arquivo pessoal.

Recentemente, foi inaugurado o Calçadão da Rua Dona Amália Sestini (Figura 6). Aparentemente, trata-se de uma tentativa de se criar um espaço mais agradável aos pedestres, porém se apresenta como um projeto isolado, sem estabelecer novas relações com o tecido urbano, além de prejudicar muito o trânsito local.



Figura 6. Calçadão da Rua Dona Amália Sestini.
Fonte: Arquivo pessoal.

2.2. Equipamentos Urbanos

Alguns equipamentos públicos passaram por uma requalificação ou foram instalados na cidade recentemente, sendo os mais significativos para benefício da população na área da educação e saúde. A Escola Técnica Estadual Doutor Emílio Hernandez Aguilar (unidade do Centro Paula Souza) (Figura 7) foi inaugurada em fevereiro de 2006, disponibilizando cursos na área de Administração, Logística e Informática, além do Ensino Médio (Prefeitura Municipal de Franco da Rocha). A Praça da Saúde (Unidade Básica de Saúde Central) (Figura 8), passou por uma requalificação, sendo transferida para edificações pertencentes ao Complexo Hospitalar do Juquery, que foram restauradas para recebê-la, e agora possui uma melhor estrutura. Há, ainda, na área da saúde, a construção do Hospital de Clínicas dentro do Complexo Hospitalar do Juquery, instalada em um novo prédio e em alguns prédios restaurados pertencentes ao conjunto (Figura 9).



Figura 7. Escola Técnica Estadual (ETEC).
Fonte: <http://www.francodarocha.sp.gov.br>



Figura 8. Praça da Saúde.
Fonte: <http://www.francodarocha.sp.gov.br>



Figura 9. Hospital de Clínicas.
Fonte: Arquivo pessoal.

No que diz respeito aos espaços destinados à vida social e coletiva, bem como à cultura e lazer, são escassos e de má qualidade. Na Figura 2 (p. 2) pode ser visto a disposição de alguns desses equipamentos pela cidade, como é o caso da Biblioteca Municipal (Figura 10), de pequeno porte, do Centro Cultural Newton Gomes de Sá (Figura 11), que passou por uma reforma recentemente, onde são desenvolvidas atividades relacionadas ao artesanato, dança, teatro, exposições e apresentações, e do Centro Social Urbano (CSU).



Figura 10. Biblioteca Municipal.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 11. Centro Cultural Newton Gomes de Sá.
Fonte: Arquivo pessoal.

2.2.1. Centro Social Urbano (CSU)



- | | |
|------------------|------------------------|
| 1. Administração | 4. Piscina |
| 2. Salão | 5. Quadras descobertas |
| 3. Sanitários | 6. Quadra coberta |



Figura 12. Centro Social Urbano (CSU).
Base: Google Earth.

É um equipamento que promove a cultura e os esportes, porém com dificuldades, pois as edificações pertencentes ao conjunto encontram-se bastante degradadas. Outro aspecto que se pode perceber pela Figura 12 é o isolamento em relação à cidade, onde o campo de futebol pertencente ao Clube Atlético Expedicionários representa uma barreira espacial. Além da dispersão do conjunto, com uma das edificações, a quadra coberta, separada dos outros prédios pelo sistema viário.

Abaixo segue a programação disponibilizada no site da Prefeitura Municipal de Franco da Rocha:

Piscina

- Natação Masculino e Feminino - Iniciação dos 08 aos 15 anos
- Natação Melhor Idade Masculino e Feminino - a partir dos 45 anos
- Hidroginástica Masculino e Feminino

Salão

- Ginástica Melhor Idade - Masculino e Feminino - a partir dos 45 anos
- Dança do Ventre - Feminino a partir dos 08 anos
- Jazz - Feminino - partir dos 06 anos
- Ballet - Feminino - partir dos 06 anos
- Dança de Rua - Masculino e feminino - livre
- Capoeira - Masc e Fem - a partir dos 08 anos
- Tenis de mesa - masc e fem - a partir dos 08 anos

Número de praticantes: 1.500

Judô - nova modalidade iniciada em 2006 inicialmente em 03 núcleos

- Masculino e feminino a partir dos 08 anos

Número de praticantes: 350



Figura 13. CSU. Entrada.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 14. CSU. O bloco azul, à esquerda, é o salão onde se realizam diversas atividades e o bloco rosa, à direita, é composto por sanitários e vestiários.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 15. CSU. Quadra coberta dependente de iluminação artificial mesmo de dia.
Fonte: Arquivo pessoal.

2.2.2. Parque da Cidadania

Parque da Cidadania é um projeto realizado pela Secretaria de Planejamento Urbano da cidade, que englobaria, após todo o projeto finalizado, o CSU, o campo de futebol do Clube Atlético Expedicionários (trata-se de uma concessão feita pelo Estado para o clube já vencida) e a área contígua a ele. Porém, só foi implantada a primeira fase da obra, que conta com algumas quadras com grades removíveis e pista de cooper e se apresenta conforme as Figuras 16 e 17. É constantemente utilizada para a realização das festas populares (Figura 18), como o Juquery Fest, Juninão e Festa dos Povos, e instalação de parques itinerantes.



Figura 16. Parque da Cidadania.
Fonte: Google Street View.



Figura 18. Parque da Cidadania - Palco montado para a realização do Juninão.
Fonte: www.francodarocha.sp.gov.br.



Figura 17. Parque da Cidadania - Crianças jogando futebol.
Fonte: Arquivo pessoal.

Projeto

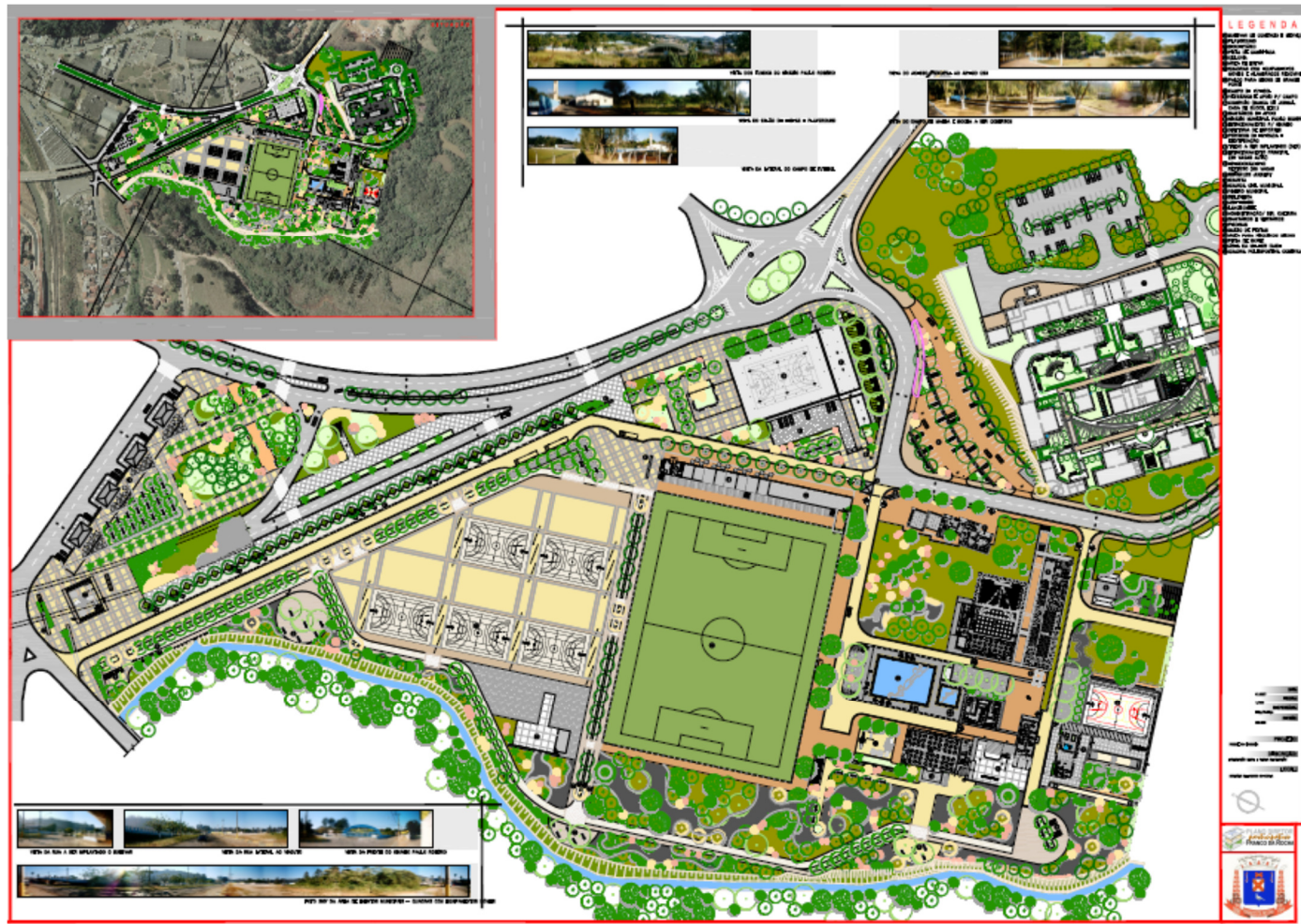


Figura 18. Parque da Cidadania - Implantação geral.
Fonte: Prefeitura Municipal de Franco da Rocha.

O projeto não repensa a questão do campo de futebol, que representa uma barreira espacial para a chegar até as outras edificações do conjunto e está orientado incorretamente em relação ao sol. Outro aspecto é o espaço pouco expressivo gerado pela implantação de quadras logo na "entrada", onde seria a área receptivo do parque.

Um aspecto positivo do projeto é a criação de uma rotatória ao lado da quadra coberta, possibilitando a reintegração da mesma ao conjunto e uma conexão com a Praça da Saúde. Outro ponto interessante é a implantação de uma biblioteca na área (Figura 21).

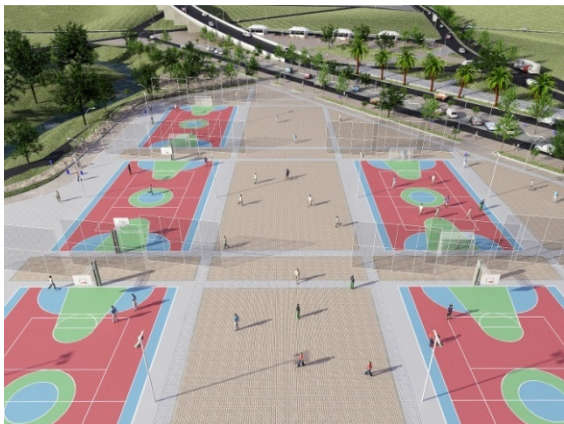


Figura 19. Parque da Cidadania - quadras com grades removíveis.
Fonte: Prefeitura Municipal de Franco da Rocha.



Figura 20. Parque da Cidadania - Imagem ilustrativa.
Fonte: Prefeitura Municipal de Franco da Rocha.



Figura 21. Parque da Cidadania - Imagem ilustrativa da biblioteca.
Fonte: Prefeitura Municipal de Franco da Rocha.

2.2.3. Estação de Trens

A estação de trens da CPTM é um equipamento de extrema importância para a cidade, pois trata-se do meio de transporte mais utilizado pela população na cidade, fazendo a ligação entre Franco da Rocha e a capital, São Paulo. Esse transporte encontra-se saturado no momento e não propicia qualquer conforto aos usuários. Está em andamento a construção de uma nova estação (Figura 23 e 24) em substituição à atual (Figura 22). No projeto está previsto, ainda, um terminal de ônibus juntamente à estação, inexistente na cidade atualmente.



Figura 22. Atual Estação de Trens de Franco da Rocha.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 23. Imagem ilustrativa da nova Estação de Trens da CPTM.
Fonte: www.francoarocha.sp.gov.br.



Figura 24. Nova Estação de Trens da CPTM em obras.
Fonte: Arquivo pessoal.

2.3. Inundações

O centro da cidade, localizado no vale, sofre constantemente com enchentes. Isso é agravado pela realização de um aterro, onde antes existiam lagos, na região que agora estão prédios públicos como Prefeitura, Câmara, Fórum e Delegacia (Figura 2, p. 2), assoreamento dos rios, bem como a expansão da cidade e consequente impermeabilização de áreas.

No Plano de Macrodrenagem da Bacia do Alto Tietê, são previstos 41 piscinões na região para diminuir as cheias de Franco da Rocha, Francisco Morato e o bairro de Perus. Porém, apenas um piscinão foi construído até o momento em Francisco Morato (O Estado de São Paulo).

As figuras 19 e 20 (ao lado) mostram a área escolhida para a realização do projeto em dias de inundações e dão uma dimensão das dificuldades e limitações impostas ao desenvolvimento do trabalho. A Figura 26 refere-se à última enchente, agravada pela abertura das comportas da Represa Paiva Castro, que já estava operando em sua capacidade máxima. Através de medições feitas a partir das marcas

deixadas pela água nos muros na última inundação, a mais grave, constatou-se que a água chegou à altura de 1,60m nessa área.



Figura 25. Vista do Parque da Cidadania (08.12.2009).
Fonte: Autor Desconhecido.



Figura 26. Vista do Parque da Cidadania (12.01.2011).
Fonte: Arquivo pessoal.

2.4. O Complexo Hospitalar do Juquery

Trata-se de um conjunto de grande valor histórico e cultural para a população, tombado pelo CONDEPHAAT, como dito anteriormente, pois há uma relação de identidade entre as pessoas e o lugar, estabelecida através da memória (JODELET, 2002), uma vez que a cidade girava em torno do complexo, empregando muitos moradores, à época em que ele estava em seu auge. Tratava-se de um centro de referência na psiquiatria, tendo em seu comando o Dr. Franco da Rocha. Com o passar do tempo, passou a representar o descaso com pacientes com distúrbios mentais pelas situações degradantes a que eram submetidos e o declínio, visto, também, no total abandono das edificações. Pode-se, portanto, chamá-lo de um "fato urbano" (ROSSI, 2001), pois organiza-se no tempo e no espaço, com uma memória, e possui significado para as pessoas.

Está atualmente em processo de esvaziamento, devido à Lei Federal 10.216, de abril de 2001, que pôs fim ao confinamento de pessoas com distúrbios mentais crônicos e visa a reinserção social do paciente psiquiátrico por meio da

família e do apoio dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPSs)³. Algumas construções foram restauradas e adequadas ao novo uso, como é o caso do Centro de Atenção Integrada à Saúde Mental (CAISM). Já o Hospital de Clínicas que atenderá toda a região, foi implantado parte em uma nova construção e outra parte em um prédio restaurado.

Já em relação às outras edificações pré-existentes pertencentes ao conjunto, não se tem informações precisas sobre suas destinações futuras. Conforme site do Governo de São Paulo⁴, existe um Plano de Desenvolvimento Regional do Vale do Juquery, dirigido pelo professor da FAU-USP Sylvio Barros Sawaya, que estuda a possibilidade de instalar a USP Norte nos terrenos de Franco da Rocha. Ainda de acordo com Pizzolato (2008), o "Plano Diretor do Complexo Hospitalar" do Juquery, desenvolvido pelo Sylvio Barros Sawaya em parceria com Dra. Maria Tereza Gianerini Freira, diretora do Juquery entre os anos de 2004-2006, conta com a instalação de um

³ <http://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Jornal&id=1129>

⁴ <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=81608>

Hospital Quartenário, Memorial de Tratamento Psiquiátrico e Referência, Centro de Cultura Infantil e Universidade.

Recentemente, o Ministro da Educação, Fernando Haddad, esteve em visita ao Juquery, acompanhado do reitor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Walter Manna Albertoni, estudando a possibilidade de transformar o local em um campus⁵.



Figura 27. Imagem aérea do Complexo Hospitalar do Juquery.

Fonte: <http://francodarochanet.blogspot.com/2009/07/complexo-hospitalar-do-juqueri.html>



Figura 28. Antigo prédio da administração após o incêndio.

Fonte: Arquivo pessoal.

⁵ <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/11/nao-da-para-tratar-usp-como-cracolandia-e-vice-versa-diz-haddad.html>



Figura 29. Área interna do complexo.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 30. Área interna do complexo.
Fonte: Arquivo pessoal.

3. A intervenção














- | | | |
|--|--|--|
|  Rio Juqueri |  Ponte de entrada do Complexo Hospitalar do Juquery |  Prefeitura, Câmara e Fórum |
|  Rio Ribeirão Euzébio |  Parque Linear |  Praça da Saúde |
|  Linha férrea |  Novas Conexões |  Área do projeto |
|  Complexo Hospitalar do Juquery | |  |

Figura 31. Intervenção.
Base: GoogleEarth.

O projeto que será proposto a seguir procura compartilhar da ideia de Solà-Morales (2002) ao falar sobre o projeto urbano, que tenta fazer de cada intervenção uma ocasião para se produzir parte da cidade, partindo de dados pré-existentes e estabelecendo vínculos entre eles e a nova proposta.

Além disso, visando um projeto com participação da população, como defende Sylvia Pronsato (2005), que resulta em um projeto compreendido pelos usuários, que se apropriam do espaço e o conservam, buscou-se saber quais as demandas dos habitantes, que indicaram a falta de espaços adequados para a prática da cultura, lazer e esportes.

Os dados pré-existentes, nesse caso, são os descritos anteriormente e, a partir deles, percebeu-se que o local onde se encontram atualmente o Centro Social Urbano (CSU), o Campo de futebol do Clube Atlético Expedicionários e o Parque da Cidadania possui potencialidade para uma intervenção que contemple e inter-relacione essas características. Dessa forma, o projeto a ser desenvolvido é de um novo CSU em substituição ao existente, juntamente

com as diretrizes de parque linear e revitalização do Complexo Hospitalar do Juquery, dando maior coesão à proposta.

3.1. Cultura, Lazer e Esportes

O novo Centro Social Urbano terá como programa atividades envolvendo cultura, lazer e esportes, todos importantes para a inclusão social e consequente fortalecimento da cidadania, principalmente em uma cidade com dados que apontam um alto índice de pobreza, exclusão social e violência. A cultura, como foi dito anteriormente, é a forma pela qual um indivíduo e um grupo expressa sua relação com o universo e através da qual tem-se consciência de pertencer a um grupo (SANTOS, 2007), que pode se manifestar de diversas formas, como no teatro, dança, música, literatura, artes visuais. Uma cidade deve ter espaços capazes de disseminar e abrigar as contínuas relações entre o homem e o seu meio.

Os esportes são uma forma de praticar atividades físicas, buscando um equilíbrio saudável entre corpo e mente,

extremamente importantes para combater o sedentarismo, que se torna cada vez mais característico da sociedade contemporânea. Além disso, as práticas esportivas proporcionam convivência e interação social entre os participantes.

O lazer, outro aspecto relacionado à qualidade de vida, é quase tão importante quanto o direito de habitar, alimentar-se ou educar os filhos, pois é o tempo que se tem para o descanso, para o prazer, para a busca do auto-conhecimento, um tempo para "re-criação" (PRADO, 1990, p. 115 *apud* KAWAMOTO, 2005, p. 10).

3.2. Parque Urbano e Interação Social

Como não existe um parque urbano em Franco da Rocha e tendo o projeto do Parque da Cidadania como referência, propõe-se criar o equipamento descrito acima inserido em um parque.

Segundo Silvio Macedo (2003), o Parque urbano é um produto da cidade industrial, com nova demanda social: lazer,

tempo do ócio em contraposição ao ambiente urbano, como é o caso do Central Park, projetado por Frederick Law Olmsted e Calvert Vaux, em 1853.

Já Sun Alex (2008), critica o projeto do Central Park, que, como muitos outros, quer se criar um ambiente anti-urbano, privilegiando a vegetação em detrimento da utilização social dos espaços livres urbanos.



Figura 32. Central Park - geral.
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Central_Park



Figura 33. Central Park - interior.

Fonte: <http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/02.017/1443>

Considera-se, aqui, que tanto a relação social, quanto o contato com a natureza, são aspectos relevantes a serem considerados no projeto do parque urbano.

Um parque urbano é um espaço público projetado, assim como as ruas e praças de uma cidade, aberto e acessível a todos, sem exceção. Deve articular-se com o tecido urbano e possibilitar a combinação de múltiplos usos (ALEX, 2008).

Trata-se, portanto, essencialmente de uma área em que se processa a mistura social. Diferentes segmentos, com diferentes expectativas e interesses, nutrem-se da copresença, ultrapassando suas diversidades concretas e transcendendo o particularismo, em uma prática recorrente da civilidade e do diálogo. (GOMES, 2002 *apud* ALEX, 2008, p. 20).

Alex trata, ainda, das características necessárias a um espaço público para ser convidativa às pessoas, que são a localização na cidade, permeabilidade como acesso, impressão que irradia e atmosfera de seu interior.

Kevin Lynch (1987 *apud* ALEX, 2008) considera 5 dimensões para se ter bons ambientes. São eles: presença, que é o direito de acesso a um lugar; uso e ação, que refere-se à habilidade das pessoas de utilizar o espaço; apropriação, quando os usuários tomam posse do espaço, simbolicamente ou de fato; modificação, que é o direito de alterar o espaço

para melhorar seu uso; e disposição, que é a possibilidade de se desfazer de um espaço público.

A acessibilidade de um espaço público, primordial para garantir o uso, deve se dar de 3 formas: fisicamente, sem barreiras espaciais para entrar e sair do lugar; visualmente, que promova um contato visual de qualidade entre o usuário e o espaço público, preferencialmente visível ao nível da calçada, sendo mais propício ao uso; e simbolicamente, sem sinais sutis que sugiram quem não é bem-vindo como, por exemplo, seguranças na entrada, determinado tipo de comércio e política de preços. (CARR, *et al.*, 1995 *apud* ALEX, 2008).

Pode-se questionar qual o papel dos espaços públicos em um momento em que as estruturas sociais e o espaço real encontram-se abalados, pois, através dos adventos tecnológicos, as pessoas privilegiam a interface virtual, dos fluxos, em detrimento do contato face a face e dos espaços públicos, considerados já sem vida, uma vez que perdem suas qualidades de propiciar interações sociais (VIRILIO, 1999).

Para William Mitchell (2002), existe grande influência tecnológica presente na sociedade atual, mas discursa sobre o dever de incorporar à arquitetura e urbanismo esses novos aspectos e guiá-los para resultados positivos. Para ele, embora as noções de espaço-tempo não existam no mundo virtual, isto somente amplia as possibilidades de, por exemplo, relacionar-se com diversas pessoas do mundo todo, com as quais tiver mais afinidades, ou de não precisar, eventualmente, estar no local de trabalho para realizar suas tarefas ou conferências. Os mundos real e virtual acontecem paralelamente e um não exclui o outro, necessariamente. Acrescenta, ainda, que o homem sempre teve a necessidade de pertencer a algum lugar e estabelecer relações de identidade, sendo que os lugares com atrativos culturais, econômicos, sociais etc., continuarão a agregar pessoas.

Sérgio Luís Abrahão (2008), monta um panorama das teorias pensadas sobre as questões referentes ao espaço público. A partir dos anos 50, dissemina-se uma ideia do poder transformador das formas da arquitetura e do urbanismo (como o espaço público urbano), acreditando ser possível

gerar uma ação sociopolítica nas pessoas e, assim, partir para uma sociedade democrática, a qual James Holston (1993) critica ao afirmar que o papel da arquitetura e urbanismo é limitado para a criação de novas esferas públicas. Porém, se a arquitetura e o urbanismo não são determinantes, eles podem, por outro lado, abrigar da melhor forma possível o desenvolvimento desse contexto.

Jordi Borja (2003 *apud* ABRAHÃO, 2008), considera que, na atualidade, o espaço público se tornou o “espaço cidadão”, um local

[...] capaz de organizar um território, dar suporte a diversos usos e funções, criar lugares, além de ser expressão coletiva da vida comunitária, da visibilidade, dos encontros cotidianos, o espaço da afirmação ou da confrontação, o espaço das grandes manifestações cidadãs ou sociais.

3.2.1. Parque da Juventude - São Paulo

Autores

Arquitetura: Aflalo & Gasperini.

Paisagismo: Rosa Grena Kliass.

Início do projeto: 1999.

Conclusão da obra: 2007.

Área do terreno: 232.933 m².

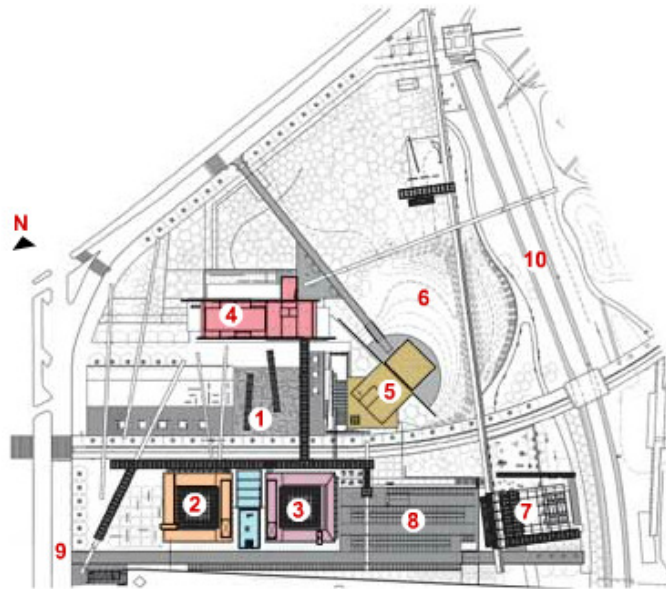
Área construída: 34.360 m².



Figura 34. Vista aérea do parque, com as edificações pré-existentes (direita), o novo pavilhão de exposições (meio) e o grande parque em volta.
Fonte: <http://www.arcoweb.com.br>



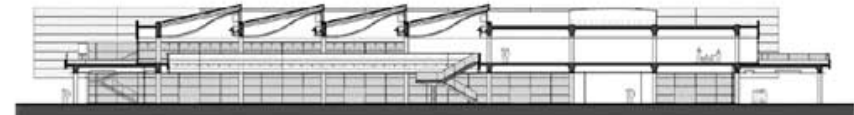
Figura 35. Implantação geral.
 Fonte: <http://www.purarquitetura.arq.br>



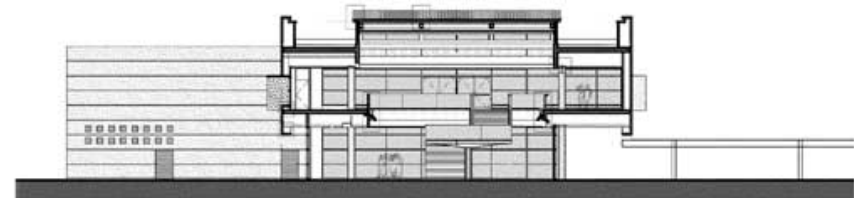
Implantação - parque Institucional

1. Praça / 2. Pavilhão 4 / 3. Pavilhão 7 / 4. Pavilhão de exposições / 5. Teatro (não executado)
6. Platéia ao ar livre / 7. Bocha / 8. Estacionamento / 9. Metrô / 10. Córrego Carajás

Figura 36. Implantação do parque institucional.
Fonte: <http://www.arcoweb.com.br>.

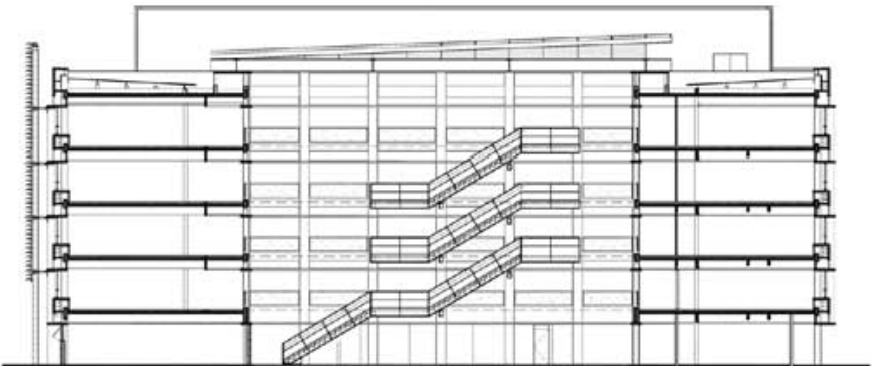


Corte AA - pavilhão de exposições



Corte BB - pavilhão de exposições

Figura 37. Cortes do pavilhão de exposições.
Fonte: <http://www.arcoweb.com.br>.



Corte AA - pavilhão 4

Figura 38. Corte do antigo pavilhão do Carandiru.
Fonte: <http://www.arcoweb.com.br>.

O Parque da Juventude, na região Norte de São Paulo, foi projetado no antigo local do Complexo Penitenciário do Carandiru, em uma área consolidada na cidade. Propõe-se articular partes dos tecidos urbanos, que não apresentavam interação entre si, criando passeios que se cruzam, partindo da Avenida Zaki Narchi, Avenida Cruzeiro do Sul e Avenida Ataliba Leonel.

O projeto recupera edifícios e propõe novos usos, mantendo uma referência do que foi o Carandiru e tudo que isso representa na memória dos paulistanos, transformado-o, agora, em algo positivo, um ambiente que proporciona um futuro para jovens, pois algumas edificações foram destinadas a escolas profissionalizantes (Figuras 38, 40). Possui, ainda, edifícios novos, incorporados ao conjunto, como é o caso do Pavilhão de Exposições (Figura 37 e 39), por exemplo.

Está inserido em um grande parque, setorizado em três partes: parque esportivo, parque central - destinado ao lazer contemplativo, contendo uma área de proteção da vegetação e as ruínas de um presídio inacabado e um parque

institucional (Figura 36), onde pode-se encontrar uma estação de metrô, teatro e espaços para atividades culturais.



Figura 39. Pavilhão de Exposições.
Fonte: www.arcoweb.com.br



Figura 40. Foto dos antigos pavilhões do Carandiru revitalizados.
Fonte: www.arcoweb.com.br

3.2.2. Millenium Park - Chicago - Estados Unidos

Autores

Arquitetura: Frank Gehry.

Paisagismo: Gustafson Guthrie Nichol, Piet Oudolf e Robert Israel.

Arte: Anish Kapoor e Jaume Plensa.

Conclusão da obra: 1997.

Área do terreno: Aproximadamente 100.000 m².

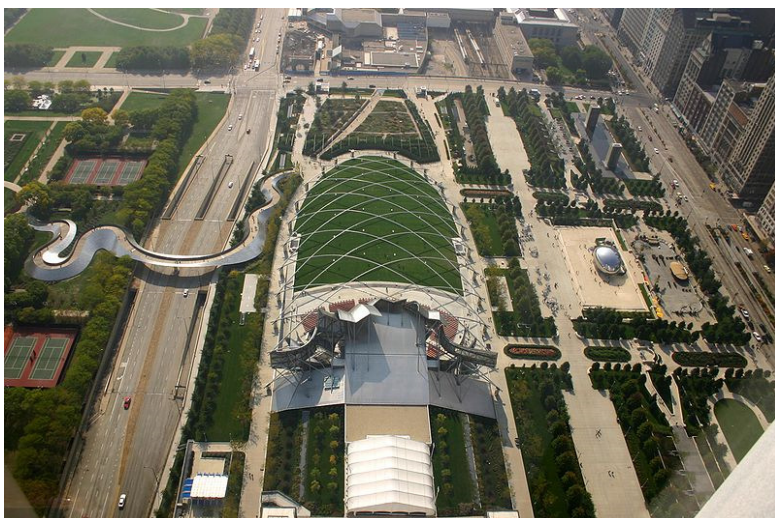


Figura 41. Vista aérea do Millenium Park.
Fonte: <http://en.wikipedia.org>

Trata-se de um projeto que transforma um antigo terreno industrial baldio em um parque urbano público, que está totalmente articulado com a malha urbana.

Conta com o mais sofisticado espaço para concertos ao ar livre, o Jay Pritzker Pavilion (Figura 42), projetado por Frank Gehry e o Harris Theater, ambos responsáveis pela promoção de eventos culturais. Uma extensa área verde representada pelo Lurie Garden (Figura 43), espaços lúdicos como o Crown Fountain (Figura 44), o Exelon Pavilions, formado por quatro edifícios, que utilizam energia solar, espaços para a prática de esportes, pista de ciclismo e de patinação.

O projeto se divide pela presença do sistema viário, porém suas conexões são bastante criativas, como BP Bridge (Figura 45).



Figura 42. Jay Pritzker Pavilion.
Fonte: <http://www.flickr.com>.



Figura 44. Crown Fountain.
Fonte: <http://explorechicago.org>.



Figura 43. Lurie Garden.
Fonte: <http://explorechicago.org>.



Figura 45. BP Bridge.
Fonte: <http://www.flickr.com>.

3.3. Diretrizes

3.3.1. Parque Linear e novas conexões

Como pode ser visto na Figura 31 (p. 22), o parque linear estará ao longo dos rios Ribeirão Euzébio, que corta a área central da cidade junto com a linha do trem, e Rio Juqueri, que está junto ao projeto.

A proposta de um parque linear se insere na questão da sustentabilidade, pois possui em sua concepção o tripé ambiental, social e econômico (ROGERS, 2001).

Ambiental, à medida que recupera o rio da poluição (Figura 46, p. 34), bem como a preservação de suas margens. Friedrich (2007) aponta ser uma prática importante para a conservação da natureza, mesmo que os parques lineares admitam equipamentos, que são proibidos até 30m de distância do rio, segundo a Legislação, por se tratarem da Área de Proteção Permanente (APP). Embora seja uma importante ferramenta de controle para preservação de ecossistemas, muitas vezes não é viável apenas deixar essas

áreas preservadas no ambiente urbano, pois o poder público não garante a qualidade de suas águas (GONÇALVES, 1998 *apud* FRIEDRICH, 2007).

Social, ao considerar que as áreas marginais aos cursos d'água são propícias ao lazer, circulação de pedestres e ciclistas, devido a sua acessibilidade, à prática de atividades diversas e movimento de pessoas. Essas características atraem usuários e qualificam o espaço urbano (ALEXANDER, 1980 *apud* FRIEDRICH, 2007).

Economicamente viável, à medida em que os investimentos necessários para criar e manter esses espaços são compensados pelos benefícios que trazem à cidade.

O parque linear insere no ambiente urbano novas conexões, tão difíceis na cidade, como já explicitado, tornando o passeio dos pedestres mais agradável e trazendo maior vitalidade ao seu entorno.

Primeiramente, pensou-se na possibilidade de se rebaixar a linha férrea e fazê-la subterrânea, deixando a área adjacente ao rio totalmente permeável, espacial e visualmente, ao

pedestre. Porém, os problemas relacionados às enchentes inviabilizam a ideia. Outra abordagem possível seria elevar a linha do trem, mas poderia se apresentar como mais um enclave urbanístico.

Dessa forma, optou-se por passarelas, com rampas de acordo com os códigos de acessibilidade, para realizar a travessia sobre a linha do trem pelos pedestres.

Um exemplo é a passarela que está sendo construída, ligando o bairro Jardim Progresso ao centro que, além de transpor a linha férrea, considera a topografia da cidade e estabelece uma conexão entre uma região alta e outra baixa (Figura 47).



Figura 46. Rio Ribeirão Euzébio e a poluição.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 47. Nova passarela ligando o bairro Jardim Progresso ao centro.
Fonte: Arquivo pessoal.

Para a recuperação dos rios, propõe-se o sistema de Wetland construído, utilizando plantas macrófitas, que filtram as impurezas da água. Segue abaixo a Figura 48, que mostra o esquema de funcionamento de um wetland construído.

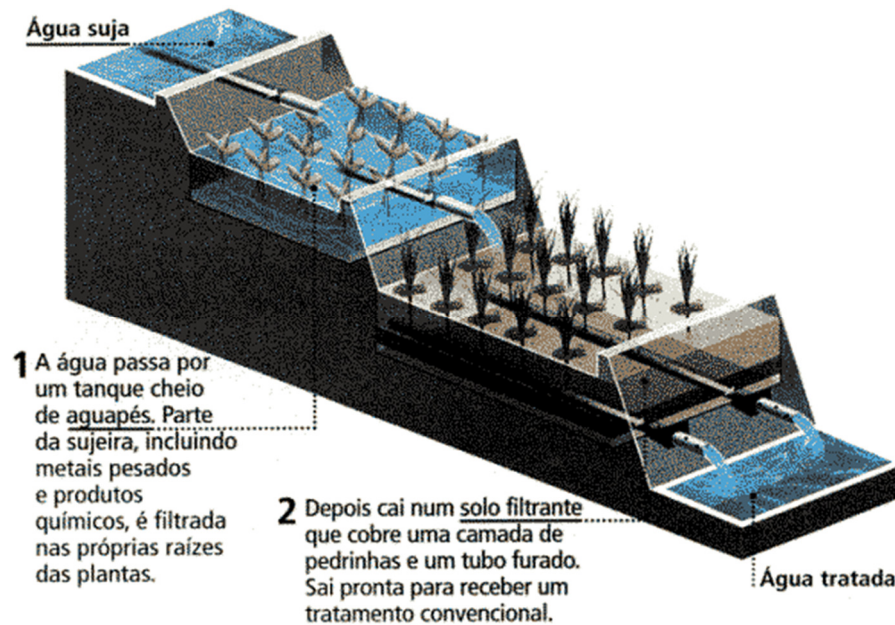


Figura 48. Funcionamento de um wetland construído.
Fonte: www.aquahobby.com.

Parque Linear - Kyoto - Japão



Figura 49. Parque linear em córrego localizado em avenida de movimento intenso.
Fonte: www.vitruvius.com.br.

Está localizado no centro histórico da cidade e recuperou um córrego que anteriormente era canalizado e poluído, sendo atualmente utilizado pela população para a circulação, como área de estar e lazer.⁶

⁶ <http://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/11.130/3900>

Assim como o trecho do Rio Ribeirão Euzébio que está sendo tratado no trabalho, o córrego de Kyoto está em uma área da cidade altamente densa, onde pode-se perceber que praticamente toda a mata ciliar foi perdida.

3.3.2. Revitalização Complexo Hospitalar do Juquery

A área de intervenção encontra-se ao lado do complexo, possibilitando, através do projeto, uma nova conexão entre a cidade e esse espaço pertencente à iconografia francorochense.

Admite-se, aqui, a instalação de uma universidade nos prédios pertencentes ao conjunto, devido às atuais notícias sobre o tema, mesmo que até o momento não seja uma certeza.

A ideia é que o complexo seja revitalizado e que os prédios abandonados incorporem novos usos, trazendo novamente vitalidade para o local. Além disso, entende-se que as áreas de bosque devam ser abertas ao público, reincorporando o complexo ao cotidiano dos cidadãos.

Como concepção para a intervenção nos prédios, parte-se do pensamento de Camillo Boito, contrastando o antigo e o novo, evidenciando as novas interferências e compartilhando a história do edifício com os usuários.⁷

SESC Pompéia - São Paulo

Autora: Lina Bo Bardi

Conclusão da obra: 1986

Esse projeto é tomado como referência no que diz respeito à revitalização das edificações que lhes confere novos usos, onde antigos galpões abandonados transformam-se em espaços dedicados à ampliação e fortalecimento da educação, cultura e lazer, através das atividades propostas pelo grupo SESC. Seu programa, também uma referência para o projeto do novo Centro Social Urbano, é muito variado, incorporando teatro, música, dança, multimídia, artes plásticas, literatura, cinema, esportes.

⁷ <http://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/04.043/3154>



Figura 50. Vista aérea da Fábrica da Pompéia antes da reforma.
Fonte: www.vitruvius.com.br.

Segundo Marcelo Ferraz, o programa, um Centro de Lazer, deveria fomentar a convivência entre as pessoas, forma de produção cultural, e o esporte recreativo - piscina em forma de praia para crianças e pessoas que não sabem nadar e quadras com alturas inadequadas para competições.

A disposição do bloco esportivo se dá em duas torres, ligadas por passarelas de concreto protendido que vencem vãos de

até 25m. Abaixo das passarelas passa o Córrego das Águas Pretas, canalizado, o que cria uma área *non aedificandi* e justifica a escolha de implantação das edificações.

Lina considerava uma função da arquitetura trabalhar com o componente popular, formulando uma programação abrangente e inclusiva, juntamente com soluções espaciais de acessibilidade - trazer a vida pública, a rua, para o interior do edifício - a fim de contemplar e criar interesses de diversas faixas etárias e classes sociais, sem exclusão. Dessa forma se daria o sucesso do projeto.

A rua aberta e convidativa, os espaços de exposições, o restaurante público com mesas coletivas, o automóvel banido com rigor, as atividades a céu aberto culminando com a “praia do paulistano” em que se transformou o *deck* de madeira no verão, tudo fez do SESC Pompéia uma cidadela de liberdade, um sonho possível de vida cidadã (FERRAZ, 2008).



Figura 51. Praia urbana.
Fonte: www.sescsp.org.br.

Instalar um centro de lazer em uma fábrica requalificada significa trabalhar com uma história e memória pré-existentes de trabalho duro e sofrimento de muitos. O Sesc Pompéia, torna-se, portanto, especial, ao considerar essas características, não apagando essa história, deixando evidente aos usuários esses vestígios em elementos antigos e, também, na linguagem das novas instalações (Figuras 52 e 53).

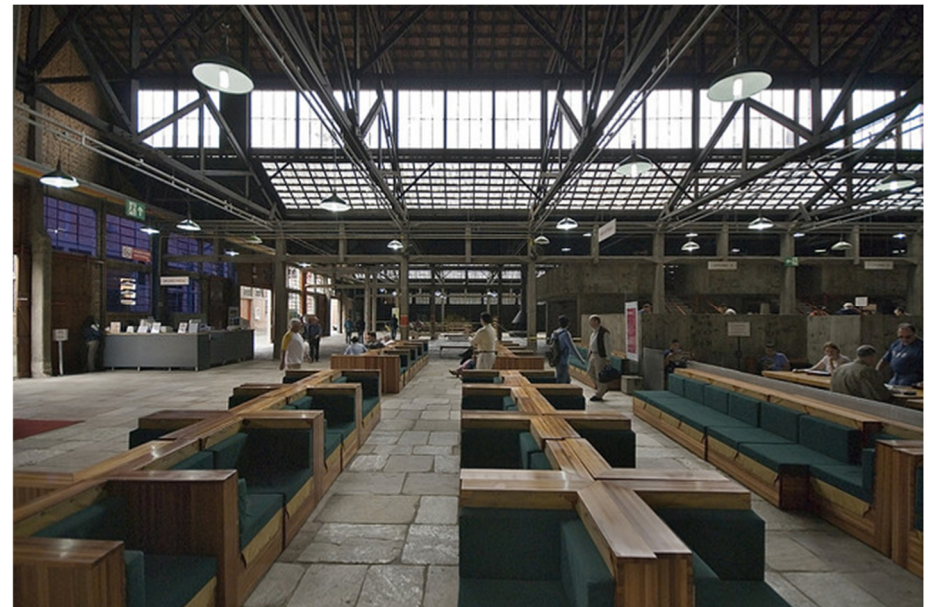


Figura 52. Foto do interior do SESC Pompéia.
Fonte: <http://www.flickr.com>.

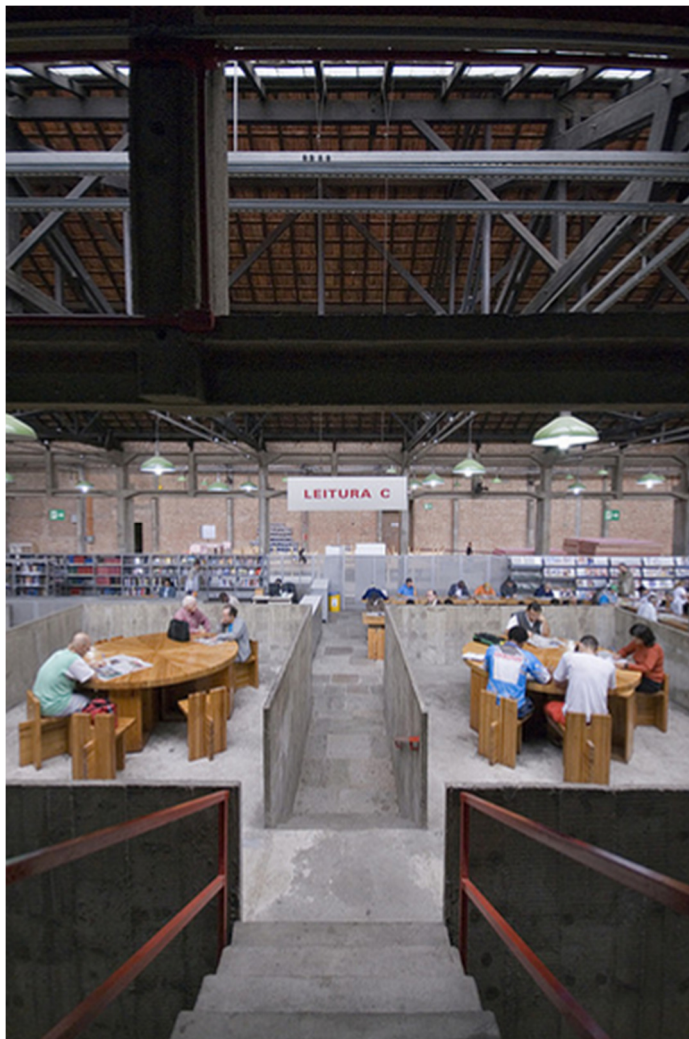
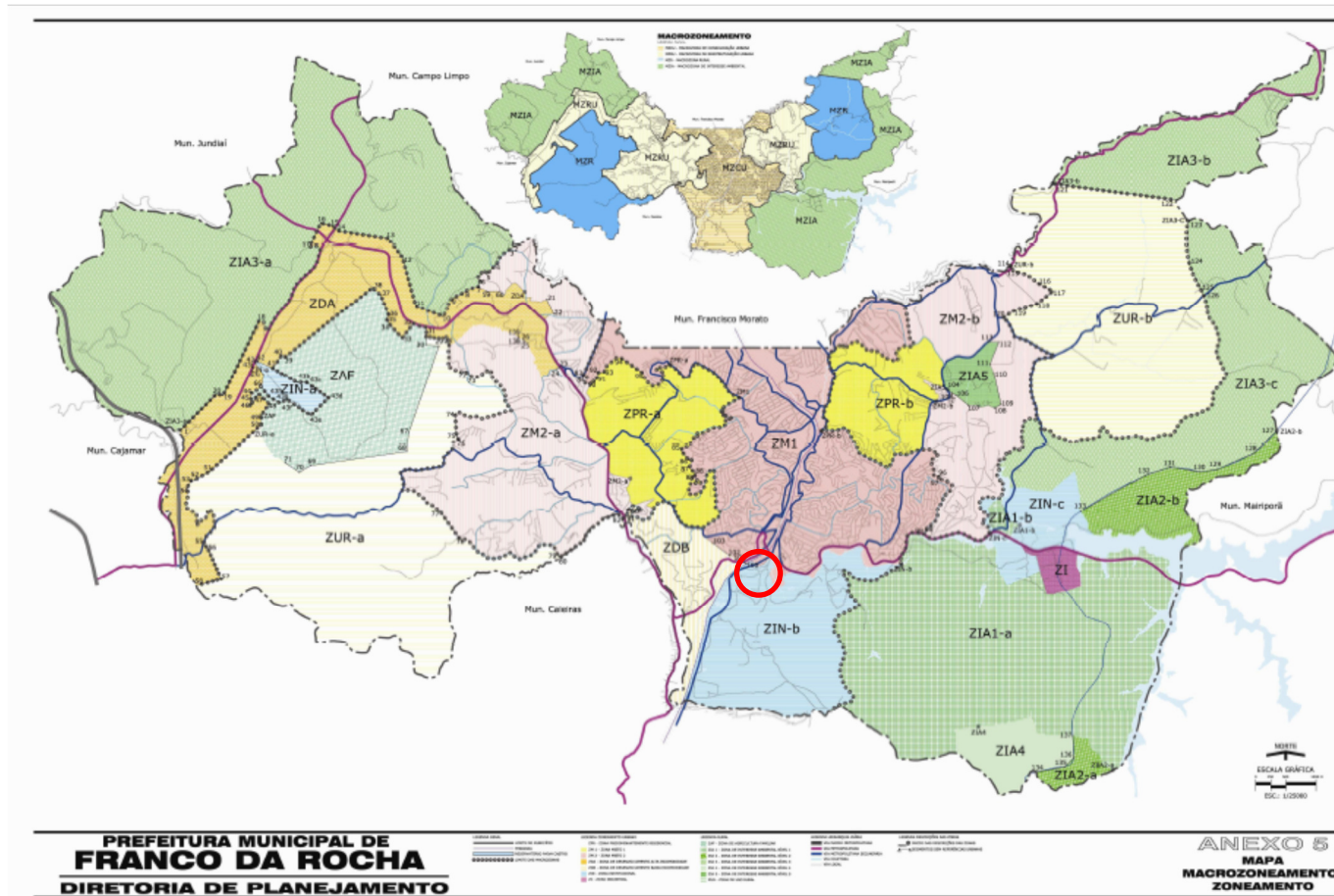


Figura 53. Foto do interior do SESC Pompéia.
Fonte: <http://www.flickr.com>.

4. Legislação



○ Localização da área do projeto

Figura 54. Macrozoneamento.
Fonte: www.francodarocha.sp.gov.br.

A área do projeto está localizada na ZIN-b (Zona Institucional), adequada para o uso proposto, de um Centro Social Urbano.

De acordo com a legislação:

II – ZIN-b - do Complexo do Juquery, inclusive áreas da Secretaria da Saúde, Batalhão da Polícia Militar, FEBEM e Casa de Custódia, além daquelas de interesse da Prefeitura Municipal de Franco da Rocha (Plano Diretor de Franco da Rocha, p . 54).

Possui Coeficiente de Aproveitamento Máximo de 0,10 e Taxa de Ocupação de 0,30.

5. O projeto

5.1. Programa de necessidades

Bloco Cultural	m²
Restaurante social	670
Cafeteria - Café com cultura	150
Duas salas de uso programático flexível	240
Uma sala específica para ginástica multifuncional	250
Três salas para oficinas culturais	300
Quatro salas para atividades físicas	320
Uma sala de tecnologia e Internet	150
Uma sala biblioteca	200
Uma área infantil interna - jogos de mesa, brinquedos especiais e leitura	120
Centro de formação musical elementar	650
Núcleo gerencial	300
Setor de apoio operacional - manutenção e serviços	385
Setor de programação	80
Central de atendimento	50
Estação de Educação Ambiental	250
Teatro	2700

Figura 55. Programa de necessidades - Cultural.
Fonte: Arquivo pessoal.

Bloco Esportes	m²
Um ginásio	2000
Uma piscina semi-olímpica coberta	312,5
Setor esportivo	70
Duas quadras poliesportivas	2159
Uma cancha de areia	1036

Figura 56. Programa de necessidades - Esportes.
Fonte: Arquivo pessoal.

5.2. Parque Linear

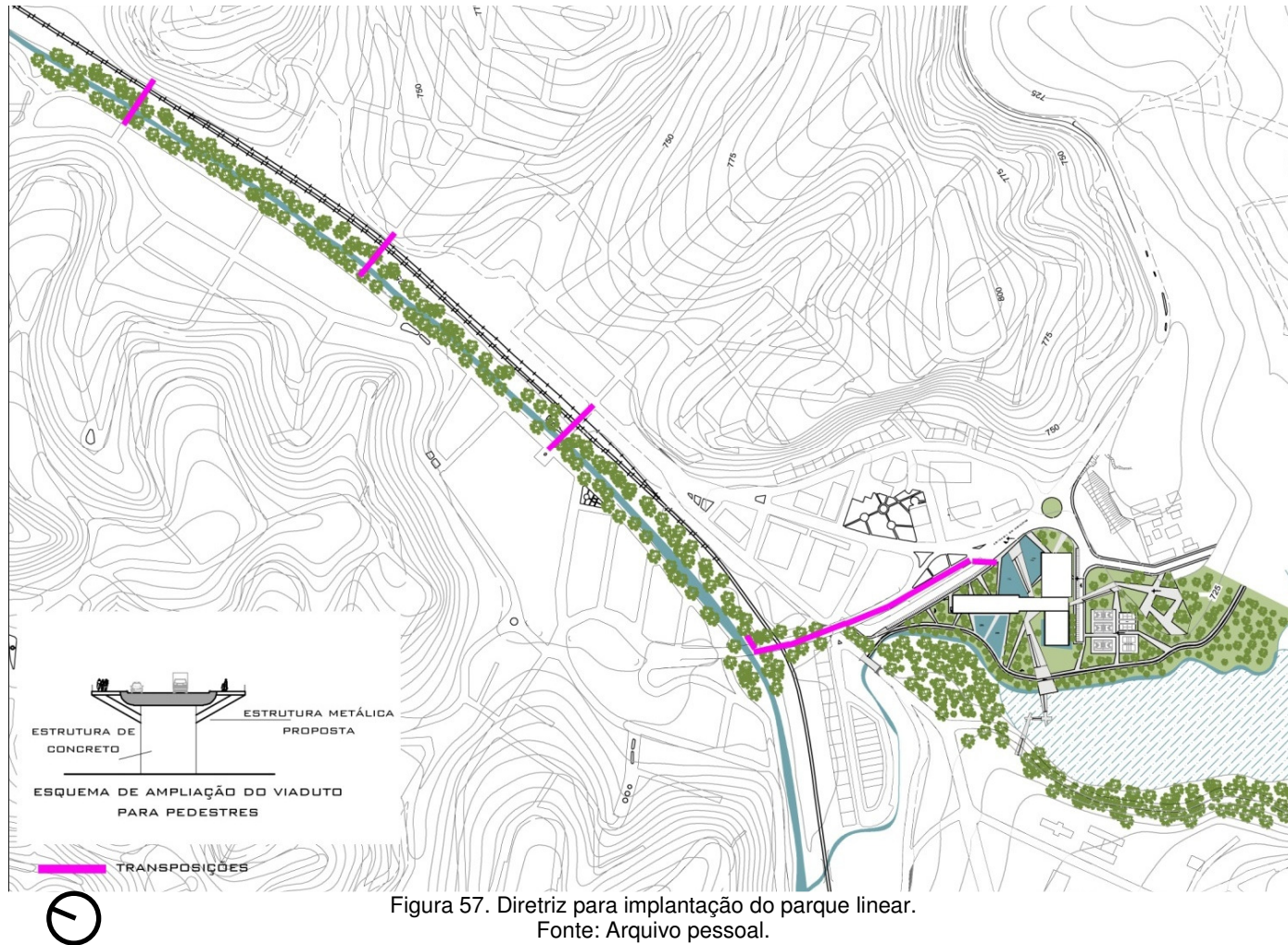


Figura 57. Diretriz para implantação do parque linear.
Fonte: Arquivo pessoal.

5.3. Implantação

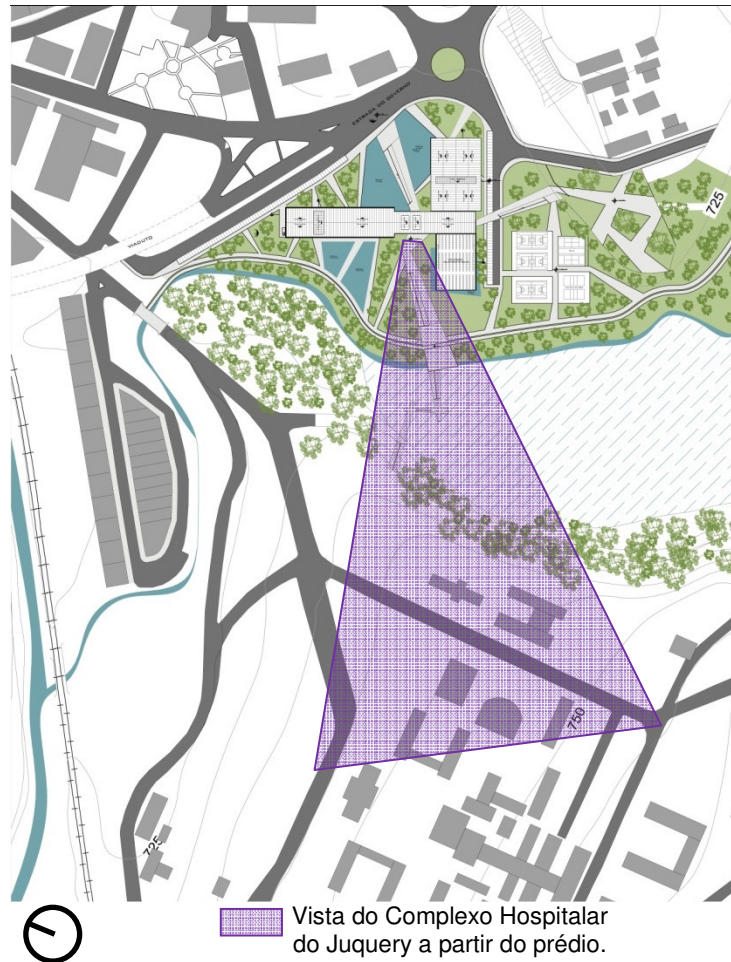


Figura 58. Implantação.
Fonte: Arquivo pessoal.

Pode-se perceber na implantação as conexões propostas entre o parque e o Complexo Hospitalar do Juquery e entre o parque e a Praça da Saúde.

Está localizado em um centro urbano, o que possibilita fácil acesso, tendo em frente ao projeto um ponto de ônibus, além de estar próximo à estação de trens.

Foram propostas pistas de cooper e ciclovia nas áreas contíguas aos cursos d'água.

As áreas para a prática de esportes ao ar livre foram deslocadas em relação ao projeto do Parque da Cidadania, desenvolvido pela Secretaria de Planejamento Urbano da cidade, criando um espaço acolhedor na entrada.

Optou-se por extinguir o campo de futebol, uma vez que existem vários outros espalhados pela cidade, e criar quadras para a prática de outros esportes, como tênis, inexistente em espaços públicos.

Procura-se manter uma relação visual com o Complexo Hospitalar do Juquery, através da orientação do projeto ao implantá-lo.

5.4. Planta do Térreo

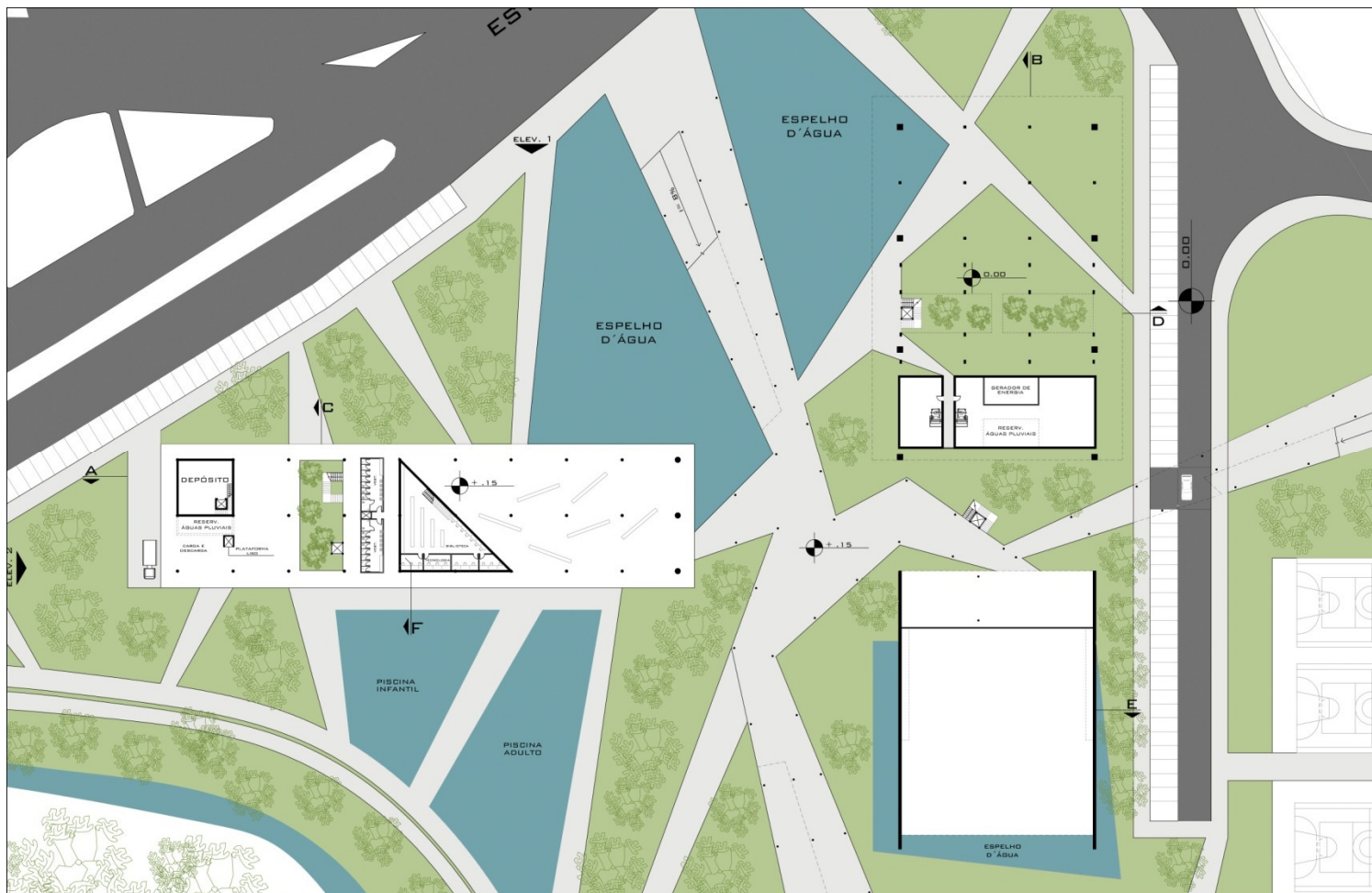


Figura 59. Planta do Térreo.
Fonte: Arquivo pessoal.

Os problemas em relação às enchentes foram determinantes na concepção do projeto.

Optou-se por elevar os edifícios sobre pilotis, deixando o térreo quase totalmente permeável, onde o programa de atividades começa efetivamente no primeiro andar. A parte da biblioteca que pode ser vista no térreo também só é acessível pelo primeiro andar.

O elemento entre os edifícios estabelece a articulação dos espaços. É rampa e marquise, ao mesmo tempo e torna-se uma extensão da rua dentro do projeto.

Os espelhos d'água na entrada trazem a agradável sensação proporcionada pela presença da água e ainda tem um papel funcional: é reservatório de águas pluviais utilizada para irrigação do jardim.

Pensando nas festas que tradicionalmente acontecem no atual Parque da Cidadania, pensou-se em um teatro com a possibilidade de abertura para o ambiente exterior também.

5.5. Planta do 1º andar

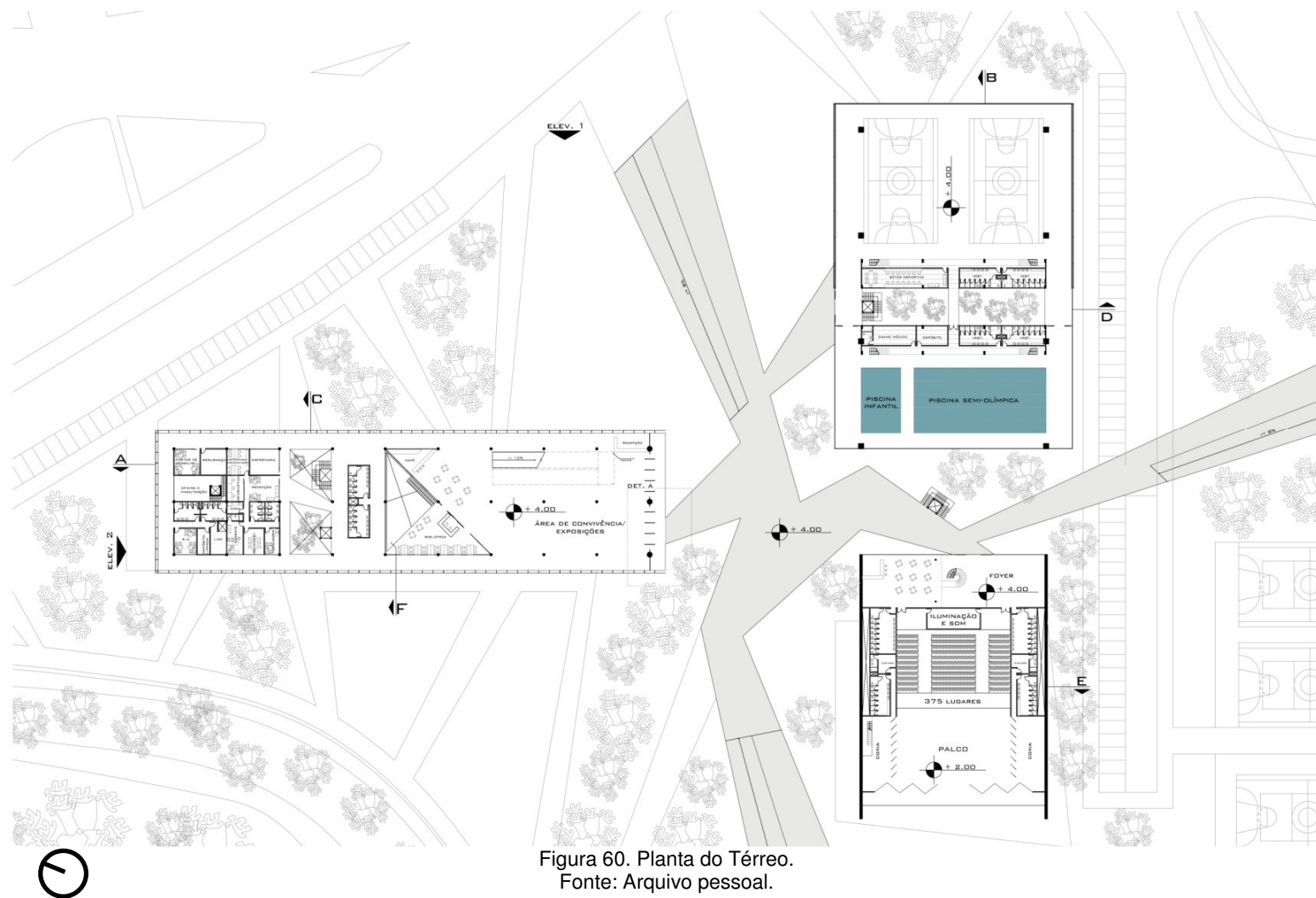


Figura 60. Planta do Térreo.
Fonte: Arquivo pessoal.

5.6. Cortes

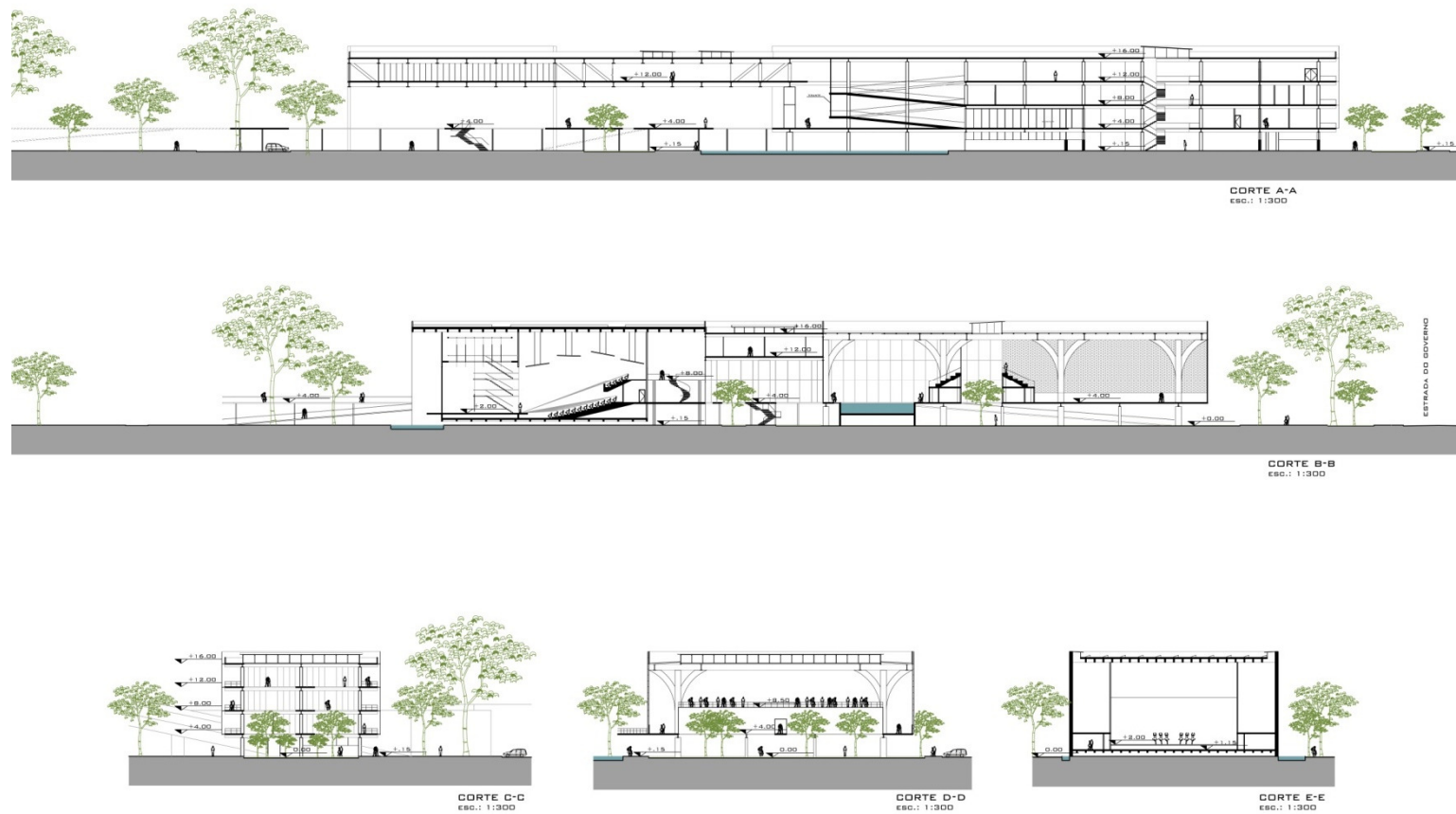


Figura 61. Cortes.
Fonte: Arquivo pessoal.

Pode-se perceber, através dos cortes, a permeabilidade proposta ao se elevar grande parte dos edifícios sobre pilotis, exceto pela edificação que abriga o teatro.

A estrutura é mista, utilizando pilares de concreto e vigas metálicas, pois o concreto apresenta maior resistência à compressão e a viga, à tração.

Para vencer o vão de 40m entre o Bloco Cultural, de Esportes e o Teatro, optou-se pela utilização de uma treliça metálica, modulada em vãos de 5m.

O ginásio dispõe de pilares-árvores, a fim de diminuir o vão entre eles e os efeitos da flambagem.

5.7. Arte do relacionamento

Gordon Cullen (2004) trata da arte do relacionamento no ambiente urbano, onde diversos elementos concorrem para criar um ambiente. Para ser emocionante, o relacionamento das coisas deve ser surpreendente, gerando contrastes visuais. Embora ele trate desse assunto levando em conta a cidade, tomou-se como referência para o relacionamento dos elementos presentes no projeto.

Alguns artifícios podem ser usados para se chegar a esse ambiente que apreende a visão, como a Deflexão, que foi utilizada nos passeios propostos pelo conjunto, o Estreitamento (Figura 62), representado pelo espaço localizado abaixo da treliça, entre os 3 prédios e a Expectativa (Aqui e Além) (Figura 63), que pode acontecer em vários momentos do projeto, devido às deflexões, onde se está Aqui e pode-se ter uma ideia do Além, mas ainda incerto.

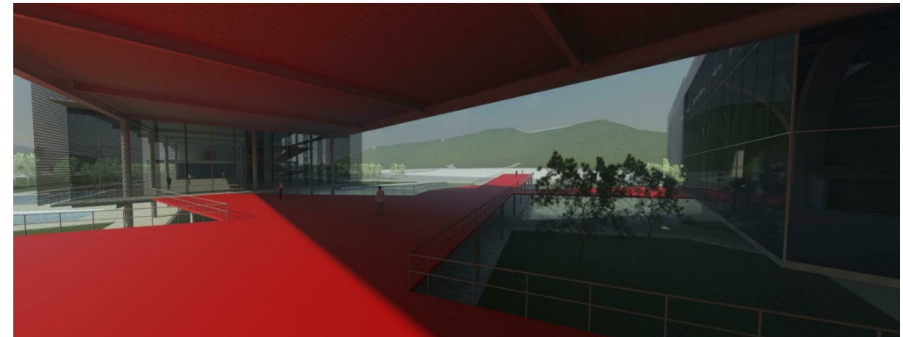


Figura 62. Imagem que ilustra o Estreitamento pela proximidade das edificações.
Fonte: Arquivo pessoal.

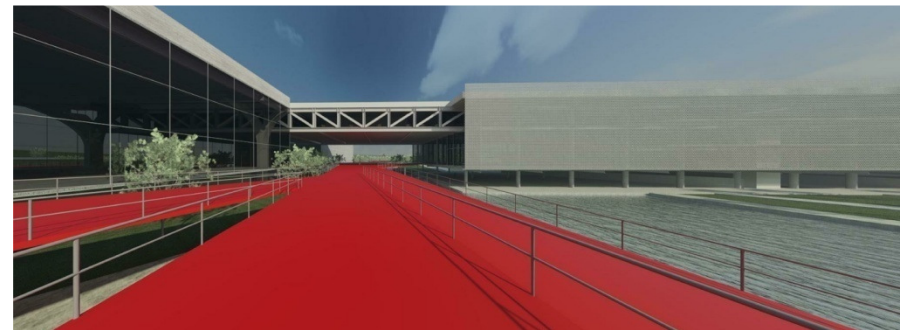


Figura 63. Imagem que ilustra a expectativa (Aqui e Além).
Fonte: Arquivo pessoal.

5.8. Perspectivas



Figura 64. Imagem ilustrativa do conjunto.
Fonte: Arquivo pessoal.

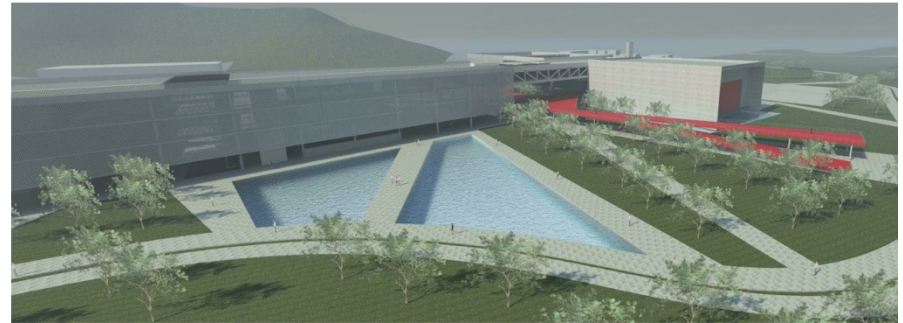


Figura 66. Imagem ilustrativa piscinas externas.
Fonte: Arquivo pessoal.

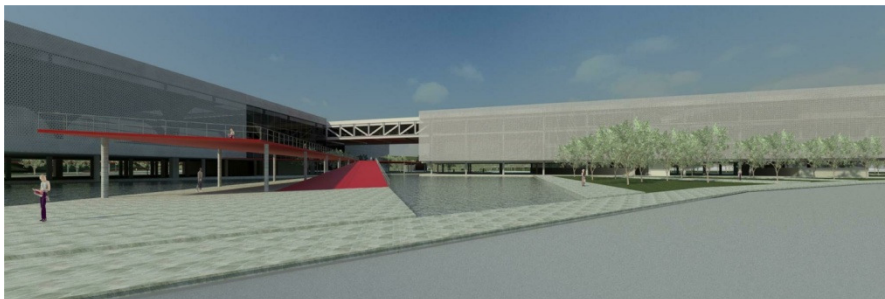


Figura 65. Imagem ilustrativa da entrada.
Fonte: Arquivo pessoal.

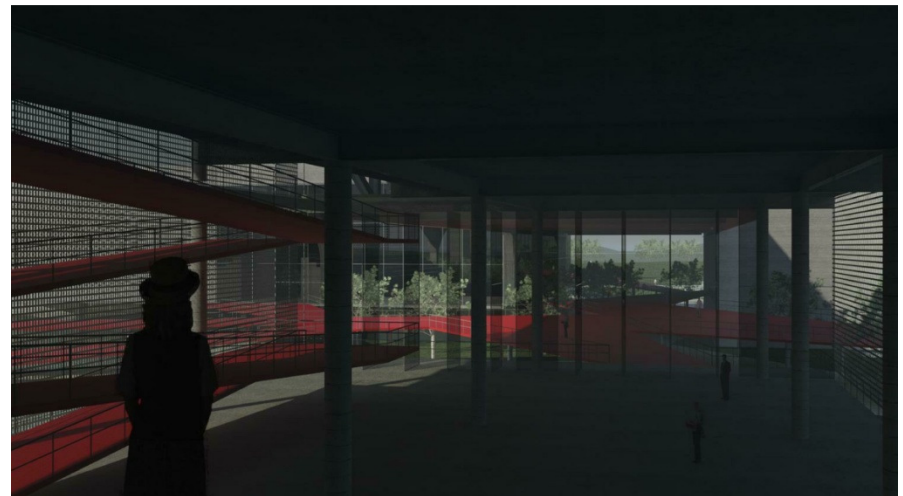


Figura 67. Imagem ilustrativa do interior do bloco cultural.
Fonte: Arquivo pessoal.

5.9. Estudos de Ventilação Natural

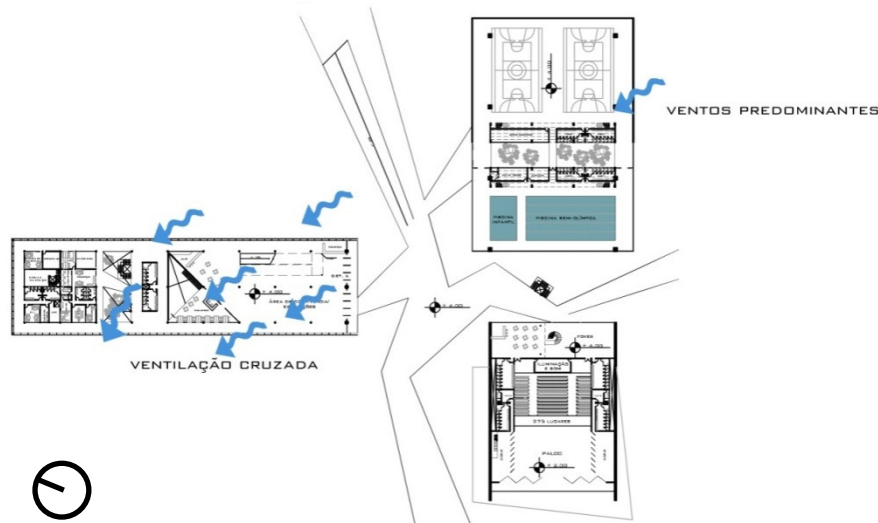


Figura 68. Estudo de ventilação natural.
Fonte: Arquivo pessoal.

Optou-se, no projeto, por uma circulação periférica no bloco cultural, que, juntamente com a utilização de chapas metálicas perfuradas em toda a sua extensão, permitem uma ventilação natural constante, diminuindo a necessidade de resfriamento mecânico dos ambientes. O mesmo acontece no bloco destinado aos esportes, sendo diferente apenas no

teatro, pois as questões relacionadas à acústica limitam as possibilidades nesse caso.

As chapas metálicas perfuradas permitem, ainda, permanente relação visual com o ambiente externo, mesmo estando dentro dos prédios.

5.10. Energia Solar

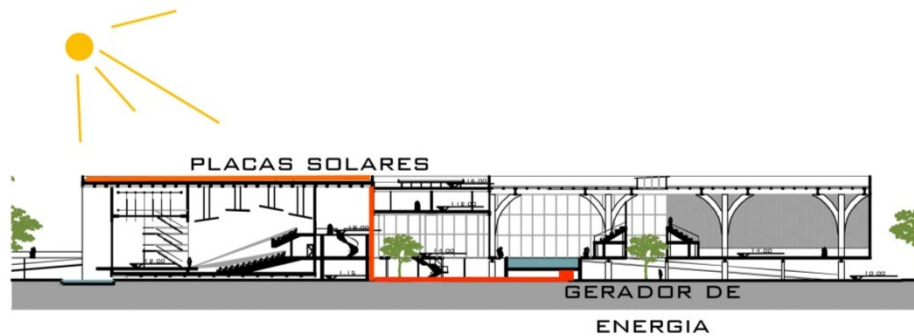


Figura 69. Estudo de Energia Solar.
Fonte: Arquivo pessoal.

Foram dispostas placas solares para a captação de energia solar para a utilização nas dependências dos edifícios, como para aquecer a água da piscina coberta, por exemplo. Uma forma limpa de se produzir energia, minimizando os impactos sobre o meio ambiente.

5.11. Reuso de Águas Pluviais



Figura 70. Estudo de Reuso de Águas Pluviais.
Fonte: Arquivo pessoal.

Outra forma de diminuir o impacto de uma construção sobre o meio ambiente é reaproveitando as águas das chuvas. Uma parte são destinadas à reservatórios subterrâneos, que serão usadas nos banheiros dos edifícios. Outra parte é reservada nos espelhos d'água e utilizadas para a irrigação do jardim.

6. Peças gráficas

O resultado dessa pesquisa, o projeto de um objeto arquitetônico está representada no Anexo "A" em pranchas reduzidas do trabalho apresentado à banca de Projeto, Atividade 2, o qual foi aprovado.

7. Considerações finais

Este trabalho visa contribuir para que cidades como Franco da Rocha, assim como muitas outras, com questões sociais e espaciais tão complicadas, recebam alguma atenção no campo da Arquitetura e Urbanismo.

Embora os problemas relacionados à pobreza, exclusão social e violência não sejam equacionados pela arquitetura e urbanismo, mas pela educação, cultura, esportes e lazer, o ambiente construído deve abrigar adequadamente essas funções, além de poder proporcionar às pessoas espaços mais aprazíveis para se viver.

Considera que, para se ter um projeto coerente, deve-se buscar as relações com o seu entorno, a cidade em que será implantado, considerando as características tanto espaciais, como sociais.

Outro ponto a ser destacado é o papel importante do arquiteto e urbanista frente aos novos desafios que se impõe pela questão da sustentabilidade. Projetos que possuem desde sua concepção preocupações ecológicas, sociais e

econômicas minimizam muito o impacto do homem sobre o meio ambiente.

Por fim, o trabalho apresentado é uma especulação do que poderia ser esse ambiente, sem saber se, de fato, teria êxito essa proposição, que só poderia ser evidenciado com estudos de pós-ocupação.

8. Referências Bibliográficas

Livros:

- ABRAHÃO, Sérgio Luís. *Espaço público: do urbano ao político*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2008.
- ALEX, Sun. *Projeto da praça: Convívio e exclusão no espaço público*. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2008.
- ALEXANDER, Christopher. *Un language de patrones: Ciudades edificios, construciones*. 1. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1980.
- BORJA, Jordi; MUXÍ, Zaida. *El espacio público: ciudad y ciudadanía*. Barcelona: Electa, 2003.
- CULLEN, Gordon. *Paisagem urbana*. Lisboa: Edições 70, 2004.
- HOLSTON, James. *A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- JACOBS, Jane. *Morte e Vida nas Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- JODELET, Denise. A cidade e a memória. Transcrito e traduzido por Walkirya Coppola e Cristiane Rose Duarte. In: *Projeto do lugar*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.
- LANGENBUCH, Juergen. *A Estruturação da Grande São Paulo*. Estudo de geografia urbana. São Paulo: FIBGE, 1971.
- MACEDO, Silvio Soares. *Parques urbanos no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- MEYER, Regina; GROSTEIN, Marta Dora; BIDERMAN, Ciro. *São Paulo Metrópole*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2005
- MITCHELL, William J. *E-topia: a vida urbana – mas não como a conhecemos*. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2002.

- PRONSATO, Sylvia. *Arquitetura e paisagem: projeto participativo e criação coletiva*. São Paulo: FUPAM, Fapesp, 2005.
- ROGERS, Richard. *Cidades para um pequeno planeta*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 2007.
- SOLÀ-MORALES RUBIÓ, Ignasi. *Territorios*. São Paulo: Gustavo Gili, 2002.
- VIRILIO, Paul. *O Espaço Crítico: e as perspectivas do tempo real*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

Dissertação:

- FRIEDRICH, Daniela. *O parque linear como instrumento de planejamento e gestão das áreas de fundo de vale urbanas*. Porto Alegre, 2007.

- KAWAMOTO, Íris Caroline. *Inclusão social por meio da cultura e lazer - Centro Comunitário - Sorocaba*. São Paulo, 2005.
- PIZZOLATO, Pier Paolo Bertuzzi. *O Juquery: sua implantação, projeto arquitetônico e diretrizes para uma nova intervenção*, São Paulo, 2008.

Sites:

- BRASIL, CONGRESSO NACIONAL. Lei federal n. 4.771, de 15 de setembro de 1965. Dispõe sobre o código florestal federal. Disponível em <http://www.mma.gov.br> - Acesso em 30 de novembro de 2011.
- www.aquahobby.com - Acesso em 30 de novembro de 2011.
- www.arcoweb.com.br - Acesso em 14 de outubro de 2011.
- <http://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Jornal&id=1129> - Acesso em 14 de outubro de 2011.

- <http://en.wikipedia.org> - Acesso em 29 de novembro de 2011.
- <http://explorechicago.org> - Acesso em 29 de novembro de 2011.
- <http://www.flickr.com> - Acesso em 29 de novembro de 2011.
- <http://www.francodarocha.sp.gov.br> - Acesso em 30 de novembro de 2011.
- <http://francodarochanet.blogspot.com> - Acesso em 15 de setembro de 2011.
- <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/11/nao-da-para-tratar-usp-como-cracolandia-e-vice-versa-diz-haddad.html><http://www.ibge.gov.br> - Acesso em 29 de novembro de 2011.
- <http://www.panoramio.com> - Acesso em 15 de setembro de 2011.
- [http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH-M%2091%2000%20Ranking%20decrecente%20\(pelo](http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH-M%2091%2000%20Ranking%20decrecente%20(pelo) s%20dados%20de%202000).htm - Acesso em 15 de setembro de 2011.
- <http://www.purarquitetura.arq.br> - Acesso em 30 de novembro de 2011.
- <http://www.seade.gov.br> - Acesso em 14 de outubro de 2011.
- <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=81608> - Acesso em 28 de novembro de 2011.
- http://www.usp.br/fau/disciplinas/tfg/tfg_online/tr/062/a047.html - Acesso em 28 de novembro de 2011.
- <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/08.093/1897> - Acesso em 28 de novembro de 2011.
- <http://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/11.130/3900> - Acesso em 30 de novembro de 2011.
- <http://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/04.043/3154> - Acesso em 28 de novembro de 2011.

ANEXO "A"

PRANCHAS APRESENTADAS À BANCA
DA ATIVIDADE 02